

REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira

FOLK-LORE LANHOZANSE

110

Olhos pretos roubadores
Porque vós não confessas
Das mortes que tendes feito
Dos corações que roubaes.

111

Meu amor se te encontrases
No tribunal das formosas,
Agarra-te ás moreninhas
Que as brancas são enganosas.

112

Tenho um vestido de penas
Não m'o fez o alfaiate,
Fil-o eu, eu o talhei
E' bem que a pena me mate.

113

Tenho o meu coração negro
Como a tinta de escrever
Como a mesma tinta o traga
Quem assim m'o faz trazer.

114

Olhos negros são ciumes,
Os meus olhos negros são
Tenho ciumes nos olhos
Firmeza no coração.

115

Se tu queres eu tambem quero
Amor porque esperamos?
Eu espero pela idade
Ainda me faltam dous annos.

116

Estas moninas d'agora
Só se sabem *bem* pintar,
para andar pelas janellas,
Todo o dia a namorar.

117

A' porta do meu Amor
Está uma silva no chão,
Todos passam, ficam soltos
Só eu fiquei na prisão.

118

Se eu cair da-me os teus braços
Ampara-me anjo de Deus,
Talvez recupera a vida
Caindo nos braços, teus.

119

Passar montes passar vallos,
Nem por ti nem por ninguém

Que eu se cair n'um vallado
Morro sem saber por quem.

120

Os olhos do meu amor
São verdes cor do loureiro
Allumiam toda á noite
Como o luar de Janeiro.

121

Olhos pretos são fidalgos
Os azeus são lisougeiros,
Os olhos cor de castanho
São leaes, são verdadeiros.

122

Queres saber se te amo?
Pergunta ao meu coração,
Não perguntes a ninguém,
Os meus olhos t'o dirão.

123

Não me metta a mão no seio,
De longo diga o que quer;
O senhor não perde, que é homem
Porco eu que sou mulher.

124

O' minha antiga alegria
Não me faças soffrer mais,
Se tens de voltar um dia
Não tardes, finda meus ais.

125

Hontem a minha adorada
Mandou-me um ramo d'Amores,
Que se transformou em balsamo
P'ra mitigar minhas dores.

126

Ah! inveja a aborrecida,
Mais praguejada que a sorte,
Mais odiada que a morte
Mais importuna que a vida.

127

Sobrancelhas como as tuas
E' impossivel havel-as
São laços de fita preta
Com que se prendem estrellas.

128

O teu riso é o perfume,
E a tua boca uma flor,
Que me falla ao coração
Com palavrinhas d'Amor.

129

Quando chegas á janella
Para me ver deshumana
Meu coração fica em festa
Durante todo a semana.

130
 Façamos meu bem as pazes
 Como foi da outra vez,
 Quem ama sempre perdôa
 Uma duas até trez.

131
 Quero tudo o que quizeres
 O' prenda da minha vida,
 Mas não entendes d'Amor
 Ou finges desentendida.

132
 Um dia a espuma do mar
 Ao ver teu rosto á flor,
 Disse baixinho a praia:
 A Venus mudou de côr.

133
 Meus olhos são como a noite
 Eu que astro algum fluctua,
 Mas se o teu olhar os fita
 Na noite desponta a lua.

134
 Os olhos da tua cara
 Minha cara de romã
 Tão bonitos são de noite
 Como são pela manhã.

135
 Eu passo as noites velando
 A pensar no nosso amor;
 Aceita estes suspiros
 Retratando minha dôr.

136
 Meu amor se te disserem
 Que eu a dormir suspirei,
 Quem t'o disse não mentiu,
 Que eu alguns suspiros dei.

137
 Que valor tem as estrellas,
 Esses diamantes de Deus,
 Se lhe falta a vida, essa alma,
 Que falla nos olhos teus?

139
 Podem sumir-se as estrellas
 Cessar do sol o fulgor,
 Basta-me a luz dos teus olhos,
 'Sendo maior pelo calor.

139
 Já lá vem o sol na barca
 Regando o pé á tulipa
 Isto de quem tem amores,
 Qualquer cousa o mortifica.

140
 Oh! que sorte tão cruel,
 Tão negra tão aviltada,
 Eu tenho á tanto tempo
 Ausente da minha amada.

141
 Adeus seductora fada
 Adeus leda mariposa

Vou partir bem descuidosa
 P'ra minha final morada.

142
 Eu amo-te, e este amor,
 Tras-me triste o coração,
 Tem em si maior calor
 Que a lava d'um vulcão.

143
 O dever manda que partas
 O coração quer reterte,
 E' a alma quem dá as cartas
 Vae, mas volta, quero ver-te.

144
 As dores que me consomem
 Ninguém, ninguém as conhece,
 Com lagrimas nasce o homem
 Com ellas á terra desce.

145
 Lagrimas, balsamo santo,
 Oh! vinde, vinde, correi
 Sulcae-me a face no pranto
 A minha dôr refrigerei.

146
 Quando alta noite medito
 Ante as agruras da sorte,
 Penso em Deus, no infinito,
 Que busco p'raguia e norte.

147
 A nossa troca de flores
 Disse tanto, minha querida!
 Mitiga-me os dissabores
 Alenta-me, dá-me vida.

148
 O meu amor, meu amor
 Quando me has de esquecer
 Quando eu não tiver falla
 Nem olhos para te ver.

149
 Já lá vae o lindo tempo
 De me rir, de gracejar,
 O meu amar de cantigas
 O meu modo de cantar.

150
 Venho pedir-te perdôo
 Não posso lutar contigo
 O meu maior inimigo
 E' o meu proprio coração.

151
 Aquella menina cuida
 Que não ha outra no mundo,
 Não é um poço tão alto,
 Que se lhe não chegue ao fundo.

152
 O homem quando embarca
 Deve resar uma vez,
 Duas quando vae p'ra guerra
 E quando se casar trez.

153

Tu tens da rosa a candura
O graco d'alvorada
A falla com que me prendes
O frescor da madrugada.
154

Parto, mas levo na mente
A tua celeste imagem
Dentro d'alma te hei-de ver,
Em toda e qualquer paragem.
155

Que attracção, que sympathia,
Minha alma triste sorri,
E solta, qual cotovia,
Em canto d'amor por ti.
156

Nem a rosa da roseira
Nem outra qualquer flor,
Nem a primavera inteira
Valo mais que o meu amor.
157

Esta minha rouquidão
Não é de comer azedo,
E' de fallar ao amor
Pela manhã muito cedo.
158

Eu hei-de ir p'ra um altinho
Debaixo não vejo bem,
Quero ver se o meu amor
Dá paleio a mais alguém.
159

Tu eras a que disias
Que eras firme no amar
Mas os teus bellos carinhos
Não são para me enganar.
160

Coração que andas liberto
Veste-te agora de lucto,
Já que agora o quizeste
Paga agora o teu tributo.
161

A lua é meiga e saudosa
Dá quentes beijos á flor,
Da-me uma esmola d'amor
Mas de marfim tão formosa.
162

Teus olhos negros, rasgados,
Exprimem vga doçura,
Que vêo de extranha amargura
Pôs os teus olhos toldados.
163

Vou dizervos um segredo,
Que tenho de ha muito guardado,
Eu para amar chehei cedo,
Tarde para ser amado.
164

Vivo saudoso e triste
Por não poder ver teu rosto,
Em mim o prazer é gosto

Ha muito que não *presiste*.
165

Hoje em dia as raparigas
Ainda não sabem fallar,
Mas já sabem as cantigas
Precisas p'ra namorar.
166

Sobre a campa que guardar
O meu pobre coração
Vae, meu amor desfolhar,
Os gaivos da solidão.
167

Trigueirinha, foge, foge,
Vê que eu não sou trovador
Eu sou philosopho, ouviste!
Eu não entendo d'amor.
168

Vae por esses campos fora
Em procura d'alegria,
Não te descuides de mais
Que bem pouco *rende* o dia.
169

Eu não gosto nem brincando
Dizer a deus! a ninguem;
Quem parte leva saudades
Quem fica saudades tem.
170

Quem inventou a partida
Não conhecia o amor,
Quem parte fica sem vida
Quem fica morre de dôr.
171

Solta o louro os teus cabellos
Da côr do mais fino oiro,
Essas tranças meu amor,
Valem p'ra mim um thesoiro.
172

Vae enfeitar as bonéas
Emquanto trepo aos ninhos,
Esta vida são dous dias
Vamos gosar os carinhos.
173

Meu coração coitadinho
Já não pode sofrer mais
De noite passa a chorar
De dia vive a dar ais.
174

Não quizes-te ser perpetua
Sendo eu amor perfeito,
Quizes-te ser malmequer
Martyrio d'este meu peito.
175

Eu ei-de amar o valverde
Emquanto tiver verdura,
Hei-de amar quem eu quizer
Indá não fiz escriptura.
176

Menina dê-me o seu lenço

Eu quero chorar sobre elle,
 Já que não tenho a ventura
 De lograr a dona d'elle.

177

Basta, para castigar-te
 Tocares no que eu toquei
 Vou lembrar-te que esses gosos
 São restos que eu já gosei.

178

Se vires a mulher perdida
 Não lhe descubras o veu,
 Olha que ella já foi pura
 Como as estrellas do ceu.

179

Tu atiras-te ao meu peito
 A' parte mais delicada,
 Quem ao meu peito atira
 Pouco bem me quer ou nada.

180

Se vires a mulher mundana
 Não na trates com desdem,
 Porque Deus quando castiga
 Não diz quando nem a quem.

181

Meu amor por caridade
 Perde um dia e vem-me ver
 Cartas para mim não valem,
 Não valem que eu não sei ler.

182

Tens o cravo, tens a rosa
 Tens a d'halia, tens o lyrio,
 Também tens amores perfeito
 A saudade e o martyrio.

183

Dizes que na tua cama
 Que durmo na terra fria,
 Tenho cama, tenho roupa,
 Sò me falta companhia.

184

P'ra que servem as esquinas
 Inclinadas ao luar
 Se eu não heide encobrir
 Dous namoros a fallar.

185

Quem t'e deu a fita verde
 O seu amor tambem dera
 A fita verde é esperanza
 Quem t'a deu por ti espera.

186

Tu deixavas-me colher
 As mais mimosas flores,
 Quando eu era jardineiro
 No campo dos teus amores.

187

A mulher é como sphinge
 Com ais parece uma pomba,
 As vezes sorrindo finge
 As vezes chorando zomba.

188

Quanto mais tu me mal tratas
 Mais augmenta o meu carinho,
 Também se pizam as uvas
 E pagam a offensa com o vinho.

189

Eu não gosto das mulheres
 Da terra das bananeiras,
 São vaidosas, exigentes,
 E ainda mais, chocalheiras.

190

Esta noite chove, chove
 Uma chuva miudinha,
 Se chover na tua cama
 Vem-te recolher na minha.

191

A mulher engana e mata
 Quando se põe a chorar,
 Homem pobre sem dinheiro
 Remedio não pode dar.

192

O' janella ó janella
 Janellinha do meu bem;
 Fallo ninguem me responde,
 Olho não vejo ninguem.

193

No cemiterio da aldeia
 N'uma pobre sepultura
 La se vae a enterrar
 Rosa branca sempre pura.

194

Do meu amor não desisto
 Chamem-lhe embora peccado,
 Por grande culpa que seja
 Nunca ei-do ser perdoado.

195

Nunca hei-de ser perdoado,
 Tenho o castigo merecido,
 Não tem perdão o peccado
 Que não é arrependido.

196

Tossiste quando eu passei
 O minha linda açucena,
 Julguci que estavas doente
 E tive então tanta pena.

197

Tenho jurado esquecer-te
 Quinhentas vezes seguras,
 Mas em te vendo não posso
 Lembrar-me das minhas juras.

198

Não tornes a ir ao monte
 Volta as costas ao caminho,
 Porque a pomba a quem amas,
 Já fugiu, deixou o ninho.

(Continúa).